

## **Banco britânico quer manter o Real no Brasil**

Maria Christina Carvalho  
Valor, 24/04/2007

"Eu certamente não vou vender. Eu adoro esse negócio". Foi dessa forma, segundo as agências internacionais, que o presidente do Barclays, John Varley, revelou suas intenções para o Banco Real no Brasil, uma das mais importantes operações internacionais do holandês ABN AMRO, adquirido por US\$ 91 bilhões, ontem, valor recorde para uma fusão do setor financeiro.

A mesma resposta Varley tem dado privativamente às diversas propostas de compra do Real que vem recebendo de bancos estabelecidos no Brasil, internacionais e de capital local.

O interesse pelo mercado brasileiro, onde o Barclays atua discretamente desde a década de 70 apenas com operações de banco de investimento, também ficou patente no documento com os termos da operação divulgado pelos dois bancos europeus.

No comunicado de 23 páginas há duas menções ao Brasil. Na primeira delas, ao comentar os ganhos da aquisição no mercado global de varejo, observa que a combinação das duas instituições resultará em "exposição significativa em economias em desenvolvimento de alto crescimento do Brasil e África do Sul, oferecendo oportunidades de receitas substanciais e crescimento dos lucros". Em outro momento, também cita o Brasil como mercado onde o grupo possui atividade importante de administração de riqueza.

A expectativa de bons resultados é sustentada pelo fato de o Real ser o terceiro maior banco privado do mercado brasileiro, com R\$ 120,8 bilhões em ativos, R\$ 49,65 bilhões em operações de crédito e ter 13,1 milhões de clientes, dos quais 3,9 milhões com conta corrente. O banco é dono de uma das maiores financeiras do mercado, a Aymoré. São ativos dos quais Varley não pretende abrir mão.

O presidente do Banco Real, Fábio Barbosa, afirmou que nada muda para os clientes: "No momento, as coisas continuam exatamente como estão. Caso a fusão seja aprovada, a intenção do Barclays é manter o Real". Barbosa, como alto executivo do grupo ABN AMRO, esteve no final de semana na Holanda para acompanhar "os rumos das coisas".

O expresso interesse do Barclays pelo Brasil surpreendeu alguns analistas. Mas, o professor Luiz Fernando de Paula, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisador visitante do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade Oxford, afirmou que o Real cai como uma luva no estilo do grupo britânico, que atua como banco universal no Reino Unido, combinando atividades de banco

comercial, com banco de investimento e administração de ativos. É forte também no crédito imobiliário, seguros e operações com pequenas e médias empresas.

Para ele, "se o Barclays for imprimir sua marca no ABN AMRO Real não seria na direção de um banco varejista mais popular, como no caso do Bradesco no Brasil e Lloyds Bank na Inglaterra, mas sim um banco varejista e universal para atender uma clientela de renda média e elevada, demandante de serviços bancários diversificados e sofisticados".

Estudo que Luiz Fernando de Paula fez sobre a eficiência do setor bancário brasileiro, em conjunto com os professores João Faria e Alexandre Marinho, para o livro "Sistema Financeiro: uma análise do setor bancário brasileiro", que acaba de ser publicado pela Editora Campus, mostra que o AB AMRO tem a melhor performance entre os maiores bancos de varejo estrangeiros no Brasil.